

Tripura Rahasya
Capítulo 16
O Discurso de Janaka a Ashtavakra

1. Quando Parasurama ouviu a estória, ele se maravilhou enormemente e pediu que seu Mestre continuasse:
2. Senhor, essa lenda antiga é maravilhosa.
3. Por favor, diga-me o que Ashtavakra perguntou em seguida ao Rei e as instruções que ele recebeu.
4. Eu não tinha até então ouvido essa estória, repleta de verdades sublimes. Por favor, continue. Mestre, estou ansioso para ouvi-la completamente.
5. Sendo assim solicitado, Dattatreya, o grande Sábio e Mestre, continuou sua sagrada narrativa: ouça, O Bhargava, o discurso com Janaka.
6. Na saída do santo asceta de sua visão, Ashtavakra, o filho de um Sábio, perguntou Janaka que estava rodeado por um grupo inteiro de pandits, a explicação completa do discurso breve mas misterioso.
7. Agora lhe direi a resposta de Janaka, a qual deve ouvir atentamente.
8. Ashtavakra perguntou: Oh Rei de Videha, eu não entendi claramente o ensinamento do asceta devido à sua brevidade.
9. Por favor, explique-me Senhor de misericórdia, como eu deveria conhecer o incognoscível. Sendo, então, questionado, Janaka, como se surpreso, respondeu:
10. Oh tu, filho de um Sábio, ouça-me! Não é incognoscível, nem permanece desconhecido em nenhum momento.
11. Diga-me como mesmo os Mestres mais hábeis podem guiar alguém para àquilo que permanece desconhecido. Se um Guru pode ensinar, significa que ele conhece o que ele fala.
12. Esse estado transcendental é bastante fácil ou pode ser quase impossível dependendo se a mente está pacificamente voltada para o interior ou inquietamente voltada para fora.
13. Isso não pode ser ensinado se permanece sempre desconhecido.
14. O fato de os Vedas apontarem para isso apenas indiretamente como "não isto - não isto" mostra que o conhecimento pode ser transmitido a outros. O que quer que você veja torna-se conhecido pela própria Inteligência Abstrata.
15. Agora, cuidadosamente, analise a consciência subjacente que, embora abstrata e afastada de objetos materiais, ainda ilumina a todos eles.
16. Saiba que isso é a verdade. Oh Sábio! O que não é auto-luminoso pode apenas cair na órbita da inteligência e não pode ser a própria Inteligência.
17. A inteligência é aquela pela qual os objetos são conhecidos; ela não pode ser o que ela é se ela tornar-se o objeto de conhecimento.
18. O que é inteligível deve sempre ser diferente da própria Inteligência ou, de outro modo, não seria possível fazer-se conhecido por ela. A Inteligência, em termos abstratos, não pode admitir partes, que é a característica dos objetos.

19. Portanto, os objetos assumem formas. Cuidadosamente, assista a inteligência absoluta após eliminar dela todas as outras coisas.
20. Assim como um espelho assume os tons de imagens, assim também a Inteligência abstrata assume as diferentes formas dos objetos, pela virtude de mantê-los dentro de si.
21. A Inteligência Abstrata pode então tornar-se manifesta pela eliminação de tudo que pode ser conhecido. Ela não pode ser conhecida como tal e tal, pois ela dá suporte à tudo.
22. Isto, sendo o Self do buscador, não é cognoscível. Investigue seu verdadeiro Self do modo anteriormente mencionado.
23. Você não é o corpo, nem os sentidos, nem a mente, pois todos são transitórios. O corpo é composto de alimento, então como você pode ser o corpo?
24. Pois o senso de "Eu" (ego) ultrapassa o corpo, os sentidos e a mente, no instante de cognição dos objetos. Pode-se afirmar que a eterna luminosidade de Self como "Eu" não é aparente no instante da percepção dos objetos. Se o "Eu" não brilhasse naquele instante, os objetos não seriam percebidos, assim como eles são invisíveis na ausência de luz. Por que essa luminosidade não é aparente? A percepção está sempre associada com a matéria insenciente. Quem mais poderia ver a autoluminosidade do Self? Ela não pode brilhar em absoluta unidade e pureza. Contudo está lá como "Eu". Além disso, todas as pessoas sentem "Eu vejo os objetos". Se não fosse para o eterno ser de "Eu", sempre surgiria a dúvida se "se eu sou" ou "se eu não sou", que é absurda. Nem se deveria supor que "Eu" é do corpo, no instante da percepção de objetos. Pois, a percepção implica a suposição daquela forma pelo intelecto, como é evidente quando identificamos o corpo com o Self. Nem, novamente, se deveria dizer que naquele instante de percepção "Eu sou tal e tal, Chaitra" - o sentido de Chaitra excede o sentido de "Eu", mas o sentido de "Eu" nunca é perdido pelo sentido de Chaitra. Há a continuidade de "Eu" no sono profundo e em samadhi. De outro modo, após o sono um homem acordaria como outra pessoa. É possível afirmar que em sono profundo e samadhi, o Self permanece sem qualidades e portanto não é idêntico à consciência limitada do ego "Eu" no estado desperto. A resposta é a seguinte: o "Eu", é de duas formas - qualificado e não qualificado. A qualificação implica limitações enquanto que sua ausência implica natureza ilimitada. O "Eu" está associado com limitações nos estados de sonho e desperto e é livre delas nos estados de sono profundo e samadhi. Nesse caso, está o "Eu" do samadhi ou do sono associado com a divisão tripla do sujeito, objeto e suas relações? Não! Sendo puro e simples, é imaculado e persiste como "Eu-Eu" e nada mais. O mesmo é a Perfeição.
25. Enquanto que Sua Majestade a Inteligência Absoluta é sempre resplandecente como "Eu", portanto Ela é tudo e sempre-conhecimento. Você é Ela, em abstrato.
26. Entenda-o por si mesmo voltando sua visão internamente. Você é apenas Consciência abstrata. Entenda-o neste instante, pois a procrastinação não é digna de um bom discípulo. Ele deveria realizar o Self no momento da instrução.
27. Os seus olhos não significam a palavra chamada anteriormente de visão. O olho mental é o que foi dito, pois ele é olho do olho, como é claro em sonhos.

28. Dizer que a visão volta-se para o interior é apropriado pois a percepção é possível somente quando a visão volta-se para um objeto.
29. A visão deve voltar-se para longe de outros objetos e fixar-se em um objeto particular de modo a vê-lo.
30. De outro modo, aquele objeto não será percebido inteiramente.
31. O fato de a visão não estar fixada sobre ele ser o mesmo que não vê-lo. De modo similar à audição, ao toque, etc.
32. O mesmo aplica-se à mente e suas sensações de dor e prazer, que não são sentidas se a mente não estiver engajada.
33. As outras percepções requerem as duas condições, a saber, eliminação de outros objetos e concentração em um. Mas a Auto-Realização difere das outras percepções pelo modo que requer apenas uma condição: **a eliminação de todas as percepções**.
34. Te direi a razão disso. Embora a consciência seja incognoscível, ela ainda é realizável por mente pura.
35. Mesmo os estudiosos são perplexos neste ponto.
36. As percepções externas da mente são dependentes de duas condições.
37. A primeira é a eliminação de outras percepções e a segunda é a fixação em um item particular de percepção.
38. Se a mente for simplesmente afastada de outras percepções, a mente está em um estado indiferente, em que há ausência de qualquer tipo de percepção.
39. Portanto, a concentração em um objeto particular é necessária para a percepção de coisas externas. Mas desde que a consciência é o Self e não separada da mente, a concentração sobre ela não é necessária para a sua realização.
40. É suficiente que outras percepções (a saber, pensamentos) fossem eliminados da mente então o Self poderia ser realizado¹.
41. Se um homem quer escolher uma imagem particular dentre uma série de imagens que passam em sua frente, como reflexões em um espelho, ele deve afastar sua atenção do resto das imagens e fixá-la em uma imagem específica.
42. Se, por outro lado, ele deseja ver o espaço refletido, é suficiente que afaste sua atenção das imagens e o espaço manifesta-se sem nenhuma atenção de sua parte, pois, o espaço é imanente em todo lugar e já está refletido lá.
43. Contudo, ele permanece despercebido por causa que suas imagens interespaciais dominam a cena.
44. Sendo o espaço o que dá suporte a tudo e imanente em tudo, torna-se manifesto somente se a atenção desviar-se do panorama.
45. Do mesmo modo, a consciência é o que dá suporte à tudo e é imanente em tudo e sempre permanece perfeita como o espaço, permeando a mente também. O desvio da atenção de todos os itens é tudo que é necessário para a Autorrealização. Ou você diz que o Autoiluminante pode sempre estar ausente de qualquer canto ou recanto?

¹ Neste trecho, estou traduzindo \textit{realised} como realizado e não como entendido, pois o contexto indica que o conceito a ser apreendido não é cognoscível da maneira usual.

46. Não pode, de fato, haver nenhum momento ou ponto em que a consciência esteja ausente. Sua ausência significa a ausência deles também. Portanto, a consciência do Self torna-se manifesta pelo mero desvio da atenção das coisas e pensamentos.
47. A realização do Self requer pureza absoluta somente e nenhuma concentração mental. Por essa razão, o Self é chamado de incognoscível.
48. Portanto, também foi dito que a única necessidade para Autorrealização é pureza mental. A única impureza da mente é o pensamento. Torná-la livre de pensamentos é mantê-la pura.
49. Deve estar claro agora para você por que se insiste em pureza mental para a Realização do Self. Como pode o Self ser realizado em sua ausência?
50. Ou, como é possível para o Self não ser encontrado reluzente na mente pura? Todas as injunções nas escrituras são dirigidas em direção a apenas esse fim.
51. Por exemplo, a ação desinteressada, a devoção e desapego não tem nenhum outro propósito em vista.
52. Por que a consciência transcendental, em outras palavras, o Self, é manifestada apenas na mente livre de mácula.
53. Após Janaka ter então falado, Ashtavakra continuou a perguntar:
54. Oh Rei, se é como dizes que a mente pacificada pela eliminação de pensamentos é quieta e pura e capaz de manifestar a Consciência Suprema, então o sono fará isso por si mesmo, desde que ele satisfaça sua condição e não necessidade de nenhum tipo de esforço.
55. Então questionado pelo jovem Brâmane, o rei replicou: satisfarei você nesse ponto. Ouça cuidadosamente.
56. A mente é verdadeiramente abstraída durante o sono. Mas sua luz é escondida pela escuridão, então como pode ela manifestar sua verdadeira natureza?
57. Um espelho coberto com breu não reflete imagens, mas pode refletir o espaço também?
58. É suficiente, nesse caso, que as imagens sejam eliminadas de modo a revelar o espaço refletido no espelho?
59. Da mesma maneira, a mente é velada pela escuridão do sono e tornada imprópria para iluminar os pensamentos.
60. Tal eclipse da mente revelaria o brilho da consciência?
61. Uma lasca de madeira deixada na frente de um único objeto para a exclusão de todos os outros refletiria o objeto simplesmente por que todos os outros estão excluídos?
62. A reflexão pode ser apenas sobre uma superfície reflexiva e não sobre todas as superfícies. Similarmente também, a realização do Self pode apenas ser com uma mente alerta e não com uma estupefata. Bebês recém-nascidos não possuem a realização do Self por falta de estado de alerta.
63. Além disso, busque a analogia do espelho coberto de breu. O breu pode evitar que as imagens sejam vistas, mas a qualidade do espelho não é afetada, pois a camada externa de breu deve ser refletida no interior do espelho. Assim também a mente, embora desviada de sonhos e vigília, ainda está nas garras do sono escuro e não livre das qualidades. Isto é evidente pela recordação da ignorância escura quando alguém acorda.

64. Eu irei lhe dizer agora a distinção entre sono e samadhi. Ouça atentamente.
65. Há dois tipos de estados mentais: (1) iluminação e (2) consideração.
66. O primeiro deles é associação da mente com os objetos externos e o segundo é a deliberação da mente sobre o objeto visto.
67. A iluminação é não-qualificada pelas limitações dos objetos: a deliberação é qualificada pelas limitações dos objetos vistos e é o precursor de sua clara definição.²
68. Não há nenhuma distinção notada no primeiro estágio da iluminação simples. A coisa por si mesma não está ainda definida, então a iluminação é dita ser inapropriada.
69. A coisa torna-se definida depois e é chamada de tal e tal. Isso é a percepção da coisa após deliberação.
70. A deliberação é novamente de duas formas: a primeira é a experiência atual e é chamada de fresca, enquanto que a outra é cogitação sobre a primeira e é chamada de memória.
71. A mente sempre funciona dessas duas formas.
72. O sono sem sonhos é caracterizado pela iluminação do sono somente e a experiência continua ininterrupta por um tempo, enquanto que o estado desperto é caracterizado pela deliberação repetidamente interrompida pelos pensamentos e portanto é chamada de ignorância.
73. O sono é um estado de ignorância, embora consista apenas de iluminação, mesmo assim é chamado de ignorância pela mesma razão que a luz mesmo luminosa é chamada de insciente.
74. Essa conclusão é admitida também pelo sábio. O sono é o primeiro filho da Transcendência e também é chamado de não-manifesto, o exterior, ou o grande vazio.
75. O estado que prevalece no sono é o sentimento de "Não há nada". Isto também prevalece no estado desperto, embora as coisas sejam visíveis.
76. Mas essa ignorância é destruída pelo brotamento repetido de pensamentos. O sábio diz que a mente está submergida em sono por que ela está iluminando a condição não manifesta.
77. A submersão da mente não é, contudo, peculiar ao sono pois ela acontece também no instante de cognição das coisas.
78. Agora falarei para você de minha própria experiência. Este assunto deixa perplexa a maioria das pessoas realizadas.
79. Todos os três estados, a saber, samadhi, sono e o instante de cognição dos objetos, são caracterizados pela ausência de perturbação.
80. Sua diferença está na última recapitulação dos respectivos estados que iluminam diferentes percepções.
81. A Realidade Absoluta é manifesta no samadhi. Um vazio ou condição não manifesta distingue o sono e a diversidade é característica da cognição e estado desperto.

² A mente primeiro nota uma coisa em sua visão extendida. A impressão é recebida somente após notar a coisa em sua natureza não-extensiva e torna-se mais profunda ao refletir sobre a primeira impressão.

82. O iluminante é contudo o mesmo sempre e é sempre imaculado. Portanto, é chamado de Inteligência Abstrata.
83. O samadhi e o sono são óbvios por que sua experiência permanece ininterrupta por algum período apreciável e podem ser recapitulados após acordar.
84. A cognição permanece irreconhecível por causa de sua natureza fugaz. Mas o samadhi e o sono não podem ser reconhecidos quando são apenas fugazes.
85. O estado desperto é iridescente com o samadhi flutuante e o sono. Os homens quando estão acordados podem detectar o sono por que eles já estão familiarizados com sua natureza.
86. Mas o samadhi fugaz é indetectável por que as pessoas não estão tão familiarizadas com ele. Oh Brâmane! O samadhi fugaz é de fato experimentado por todos, mesmo em seus momentos ocupados;
87. Mas ele passa despercebido por eles, por falta de conhecimento dele. Todo instante livre de pensamentos e reflexões no estado desperto é a condição de samadhi.
88. O samadhi é simplesmente a ausência de pensamentos. Tal estado prevalece no sono e em alguns momentos do estado desperto.
89. Contudo, ele não é chamado propriamente samadhi, por que todas as propensões da mente ainda estão latentes lá, prontas para se manifestar no próximo instante.
90. O momento infinitesimal de ver um objeto não é estragado pela deliberação sobre suas qualidades e é exatamente como o samadhi. Eu te direi mais, ouça!
91. O estado não manifesto, o primogênito da Inteligência Abstrata que revela "Não há nada", é o estado de abstração cheio de luz; ele é, contudo chamado de sono por que é a fase insciente da consciência.
92. Nada é revelado por que não há nada para ser revelado. O sono é portanto a manifestação do estado insciente.
93. Mas em samadhi, Brahman, a Suprema Consciência, está continuamente brilhando.
94. Ela é o englobante do tempo e do espaço, o destruidor do vazio e o puro ser. Como pode Ela ser a ignorância do sono?
95. Portanto o sono não é fim-de-tudo e ser-tudo.